

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: L. Conselheiro João Franco, 30.

Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa.

Director, editor e proprietario — ANTONINO DIAS DE CASTRO.

O cúmulo da desvergonha!

Não há dinheiro disponível para o Monumento aos Mortos da Grande Guerra!

(Do "Notícias", de 11 de Novembro).

As palavras que servem de tema a este artigo, confrangem o coração mais duro e a alma mais empedernida. Sempre que se fala ou pensa em construir o monumento aos mortos da Grande Guerra, a mesma resposta surge como obstáculo insuperável à realização duma obra que, levada a efeito, só dignificaria a cidade e honraria, sobremaneira, o Município que a tivesse levantado. Não há dinheiro? Mas, ao menos, podia haver vontade de o arranjar e, se essa vontade tivesse existido alguma vez, já o problema estaria resolvido há muito e, já há muito, também, Guimarães estaria lavada desta mancha que a enodôa nos seus sentimentos cívicos. Guimarães é grande pelo seu passado e essa grandeza que a destaca de outras terras, grandeza de que ela — com justa razão — se orgulha, tem de manter-se, acompanhando, se não excedendo, os actos de civismo dos concelhos vizinhos; a não ser assim, essa grandeza passa a ser uma grandeza efêmera, uma ficção e uma mentira.

Não há dinheiro nem vontade de o arranjar para o efeito requerido; assim é que está certo. Então Guimarães que se pimpona em festas onde se tem gastos de dinheiro, não tem ou não consegue arranjar uns milhares de escudos para o monumento aos mortos da Grande Guerra? Que miséria! Que pobreza franciscana e mental! Que vergonha! Meia dúzia de espectáculos teatrais ou cinematográficos, não dariam receita suficiente para o monumento? Uma dúzia de desafios de futebol, ou os que fossem necessários, não auxiliariam, pelo menos, a construção do monumento? Uma subscrição dos habitantes do concelho não resolveria o caso? Terá Guimarães vergonha de recorrer a este último expediente? Pois, vergonha maior, vergonha que a vexa e deprime, é a de não ter — decorridos 16 anos — levantado o seu monumento aos mortos da Grande Guerra! Ponhamos a questão com mais simplicidade, ainda: Guimarães tem a população concelhia de 63.986 habitantes; admitindo — à larga — que 13.986 não possam contribuir nem com um centavo, ficam-nos 50.000 contribuintes; bastava cada um subscrever-se com a insignificância de vinte centavos, para se obterem dez mil escudos, para um monumento simples, sem dúvida, mas que nos livraria da vergonha ultrajante porque temos passado e continuaremos a passar, enquanto o assunto não for resolvido. O respeito pelos mortos é um dever imposto aos vivos; é por êle que se avalia e aquilata a civilização dum povo. Guimarães — bem haja por isso — tem homenageado homens que lhe deram — como ao país — o melhor do seu valimento e cerebração, mas não lhe deram a vida, porque morreram de morte natural e cercados de todo o conforto material e espiritual. Tem, porém, esquecido o dever para com os seus filhos que morreram, violentamente, nos campos de batalha, sem o menor conforto material e espiritual! Isto não é justo e, antes, condenável. É tempo de emendar a mão se, como creio, Guimarães não alimenta a indiferença pelos que na guerra se bateram em nela perderam a vida. Mas, se essa indiferença não existe ou nunca existiu, como se explica a sua atitude, o seu silêncio e a sua negação em prestar o justo e merecido culto aos seus filhos que morreram na guerra, batilhando em terra, no mar e no ar? Ninguém pensa num monumento grandioso nem gigantesco, mas, antes, num monumento simples, como simples foi a vida dos vossos filhos que morreram, vertendo o seu sangue pela Pátria, má comum deles e de nós todos. Monumento onde os vimaranenses, no dia 9 de Abril, como em 11 de Novembro, coloquem, sentidamente e de joelhos, um braço de rosas ou uma mão cheia de goivos ou de cravos, com tanto carinho e cautela como se fossem colocados nas sepulturas onde eles dormem o sono eterno. E, quando o monumento estiver levantado, o meu ramo, a-pesar-da distância, não será dos últimos.

Lisboa, Novembro de 1934.

MANUEL DE GUIMARÃIS.

N. R. A propósito deste assunto — o do monumento aos Mortos da Guerra, a que o nosso ilustre colaborador, Manuel de Guimarães, vem dedicando, desde há muito, o melhor da sua atenção, e pelo qual o «Notícias de Guimarães» sempre tem pugnado, num impulso de gratidão e de saúde — sentimos o dever de dar aos nossos queridos leitores a seguinte e agradável notícia:

Na quinta-feira avistou-se com a digna C. A. da Câmara a direcção da Sub-Agência da L. dos C. da Grande Guerra, acompanhada por um elevado número de seus associados. Na presença da mesma C. Administrativa, o digno presidente da Liga, sr. Tenente José António de Matos Júnior, leu a seguinte representação:

«Ex.ªs Srs. Presidente e Vogais da Comissão Municipal Administrativa de Guimarães:

O assunto que aqui nos trouxe, junto de V. Ex.ªs, é por demais conhecido, e há muito já devia estar arrumado.

Sendo assim, parece-me desnecessário encarecê-lo com palavreado supérfluo, que só viria roubar a V. Ex.ªs e a todos nós o tempo precioso que urge aproveitar para tratar outros de mais alta transcendência.

Já não é a primeira vez que um punhado de antigos combatentes vem, junto dos poderes Públicos desta terra, implorar o seu indispensável auxílio para a construção dum monumento aos seus camaradas mortos pela causa sagrada da Pátria, no grande conflito europeu de há 16 anos.

Eu que já uma vez, pelo menos, fiz parte dum desses grupos de combatentes, não quero lembrar-me, sequer, da cara com que todos nós nos retiramos da presença daqueles que nos responderam com o sistemático «não».

Alguns dos camaradas que então me acompanharam, juraram a si próprios não mais darem um passo pro-monumento, uma vez conhecida a má-vontade daqueles que deviam ser os primeiros a tomar a iniciativa da sua construção, a exemplo do que vinha sucedendo nas demais terras do País.

Outro tanto não se deu comigo e outros camaradas que, acalentando sempre a esperança de ver saldada essa dívida de gratidão para com os nossos companheiros da Guerra, hoje, como então, aqui nos encontramos novamente, cheios de fé e plenamente convencidos de que V. Ex.ªs saberão reprimir essa palavra — deixem-me dizer — mal soante, com que outros nos responderam.

Nós sabemos — Ex.ªs Srs. — que V. Ex.ªs estão administrando os dinheiros do Município, de que têm de prestar rigorosas contas; mas se os munícipes são unânimes em reclamar a satisfação do pedido que vimos fazer — como seria fácil provar-se — que quem usaria pedir responsabilidades a V. Ex.ªs se, já hoje, votassem uma verba condigna para o monumento aos Mortos da Guerra?

Seria, porventura, o governo central — militar por excelência — que se oporia à justa homenagem em dívida aos seus camaradas?

Perdõem-me V. Ex.ªs estas bem intencionadas observações; mas o meu temperamento de militar, modesto, mas muito digno, excitado talvez pela razão que me assiste e aos meus camaradas, leva-me, por ventura, a ser inconveniente na forma de pedir. É que, meus senhores, há quem confunda, por vezes, a palavra pedir com a de mendigar. Ora nós, os que arriscamos a vida nos campos da batalha, em defesa da Pátria, da Civilização e do Direito, ontem como hoje e sempre, dispostos a compartilhar da mesma sorte que tiveram os filhos desta nobre terra, sepultados no esquecimento das plagas africanas e nos campos lamacentos da Flandres, — não sabemos mendigar! Sabemos, sim, pedir! E como saber pedir e querer, é mandar, não levem V. Ex.ªs a mal que um inválido da grande guerra, a quem a morte poupou por alguns momentos, fale desta maneira aos lídimos representantes do povo de Guimarães que quer, como já o disse a V. Ex.ªs, o monumento aos seus Mortos da Guerra, e quanto antes, pois que a continuar-se a velocidade ultimamente adquirida no levantamento de estatuas individuais, não haverá, dentro em pouco, um único largo ou praça em condições de ostentar, sem desdouro, o monumento que se reclama.

Não quero dizer com isto que se deixe de prestar homenagem a este ou aquele que se distingue individualmente; mas o esforço colectivo, até ao sacrificio, como no presente caso, deve ter a primazia, deve merecer mais atenção, e muito especial-

Doutor Francisco Nunes Correia

Causou dolorosa impressão nesta cidade a notícia publicada nos jornais do Porto, de quinta-feira, dando conhecimento de que havia sido desligado do serviço, por virtude duma disposição do Estatuto Judiciário, o ilustre Juiz desta comarca Doutor Francisco Nunes Correia. Tal impressão tinha um fundamento moral digno de nota, pois S. Ex.ª, pela alta estima e consideração em que é tido não só pela população da cidade de Gui-



marães mas também por todos os povos das freguesias desta comarca, criando em nós um grande culto de admiração, o Doutor Nunes Correia soube impôr-se não só pela sua conduta e apuro moral como Homem, mas ainda e mais pela sua bondade extrema, saber e inteligência que muito o distinguiram como magistrado. Interpretando por isso o sentimento de toda a comarca, ao saber que se afastava da Magistratura quem mais a engrandecera e prestigiara, manifestamos a S. Ex.ª a nossa maior mágoa pelo e tranho facto que tanto emociona pela nota depreciativa que não merece, já mais sendo S. Ex.ª um dos primeiros Magistrados que nesta comarca soube honrar a nobre classe a que tão dignamente pertence.

ESPUMANTES NATURAIS
«RÁPOSEIRA»
Não pertendem ser, mas são,
de facto, os melhores.

Espinhos e acúleos

I
«Antes que cases, vê bem
O que fazes» — lindo amor!
Homens há que nada têm
E armam-te bem... o «andor».

II
A migalha de pão duro
Mesmo assim a fome mata;
Veja-a o pobre no monturo
Que a preferê à boa prata.

III
Sê discreto e vê primeiro,
Não faças por murmurar...
Só quem for bom feiteiro...
Bem pod'rá adivinhar.

IV
«Vozes de burro não chegam
Ao céu» — diz-se, e com razão;
As pragas nunca se pegam
Mesmo através de «sermão».

V
Não vos mova a curiosidade,
Homens de pouco saber;
Repara na tua idade
P'ra que estudes sem treslar.

VI
«Quem espera sempre alcança»
Gente sábia t'ô dissera;
Não desejes a mudança
— «Quem espera, desespera».

VII
Usas cabelos cortados
Bem por cima do pescoço.
— Não faltam apaixonados
Que comam carne sem osso.

L. COELHO.

ESPUMANTES NATURAIS
«RÁPOSEIRA»
Inegaláveis, inimitáveis e
insuperáveis.

Visado pela
Comissão de Censura.

Quando tu choras

QUANDO TU CHORAS, SABES LÁ O QUANTO
CHORA DENTRO DE MIM O CORAÇÃO!!
CADA GOTA DO TEU DORIDO PRANTO
NÊLE CAI COMO ONDA DE PAIXÃO!

PALPITA IRREGULAR E TANTO, TANTO,
QUE ÀS VEZES CHEGO A TER A IMPRESSÃO
QUE VAI MORRER DE DOR E DE QUEBRANTO,
SEM UM BEIJO, SEQUER, DE SALVAÇÃO!...

O QUANTO TEM SOFRIDO O DESGRAÇADO!...
MEU TRISTE CORAÇÃO, ESTÁS CANSADO
DE TANTO SOFRIMENTO E TANTA CRUZ!

NUNCA MAIS CHORES, FILHA, AO PÉ DE MIM...
SE TE VEJO CHORAR LEMBRAS-ME, ASSIM,
A SANTA QUE CHOROU O SEU JESUS!

NOVEMBRO DE 1934.

DELFIN DE GUIMARÃIS.

O Natal dos nossos Pobres

Dar aos pobres é emprestar a Deus, e os ricos e os remediados devem lembrar-se dos muitos pobrezinhos que levam a vida inteira a sofrer e a chorar a sua triste condição humana. Contam-se já às dezenas — muitas dezenas! — as almas que se têm abeirado de nós, implorando, humilde e tristemente, para que não as esqueçamos na Ceia Santa do Natal de Jesus!

E são tantas, tantas!, a pedirem com lágrimas nos olhos um bocado de pão para a bôca, que o «Notícias de Guimarães» resolveu, a exemplo dos anos transactos, abrir nas suas colunas uma subscrição a favor dos Pobrezinhos, levando-lhes — na grande, evocadora Festa da Família — mais um pouco de alegria aos seus lares sem pão e sem lume.

Migalhas é pão! — e os nossos leitores vão, sem dúvida, dar uma esmola — pequena embora — para confortar muita miséria oculta, para consolar muita alma triste, para enxugar muitas lágrimas envergonhadas.

Lançamos este nosso apêlo em nome da Caridade, certos de que todos — ricos e remediados — o escutarão, concorrendo connosco para que o Natal dos Pobrezinhos tenha a bênção de Jesus na Sua Festa Natalícia.

«Notícias de Guimarães» 50\$00

mente àqueles que abraçam a causa do Estado Novo, do Estado Republicano Corporativo, que combate justamente o individualismo.

Demais, meus senhores, mal se compreende que, enquanto a vizinha Espanha subscrive voluntariamente quantias fabulosas para gratificar e homenagear, em vida, os seus soldados, nós estejamos a regatear uma simples recordação à memória dos nossos, que a sacrificaram para manter íntegra a honra e independência de Portugal, garantindo a V. Ex.ªs e a todos nós, a relativa tranquilidade em que vivemos, pois que a paz que disfrutamos deve-se a êsses mártires. É por êles, e em honra deles, que aqui me encontro a pedir a V. Ex.ªs que sejam justos, mandando homenageá-los publicamente.

Esperançados — Ex.ªs Srs. representantes do povo de Guimarães — de que V. Ex.ªs tomarão na consideração devida o apêlo dos Antigos Combatentes, pro-monumento aos Mortos da Grande Guerra, apresento-lhes — em nome dos milhares de combatentes filiados na Liga dos mesmos, que aqui represento, as sãtitações mais sinceras e o meu eterno reconhecimento pelas justíssimas providências que, por certo, tomareis no sentido de reparar quanto antes uma falta que, a continuar, só poderá servir para amesquinhar ainda mais, se é possível, no conceito dos Poderes Centrais — esta nobre cidade — bem digna de melhor sorte.

O sr. Presidente da Câmara que, como todos os restantes membros da C. A., ouviu, atentamente, aquela exposição, respondeu, dizendo que era com a máxima satisfação que ali recebia aquele punhado de antigos combatentes e lhe era muito simpático o pedido que os mesmos acabavam de dirigir-lhe. Afirmou que a Câmara já tinha pensado na construção do monumento e prometeu, duma maneira categórica, em seu nome e no dos seus colaboradores, que aquele monumento, em Guimarães, será um facto.

O «Notícias de Guimarães» que tem procurado, por todos os meios ao seu alcance, despertar energias para que seja saldada uma das maiores dívidas de gratidão àqueles bravos Soldados que lutaram e morreram pela Pátria, sente-se satisfeito por ver que, tarde embora, as suas palavras começaram a produzir o fruto há muito desejado e, oxalá, dê por terminada a campanha «Pro-monumento aos Mortos», dentro do mais curto espaço de tempo.

De entre os combatentes que foram à Câmara apoiar a representação a que acima nos referimos, foi-nos possível colher os seguintes nomes: Major Alberto Margaride, Capitães Francisco Martins Fernandes, Mário Cardozo e Felix Pereira Guimarães, Tenentes Ferreira Pedras, Anibal Leite Teixeira da Silva e Alberto Carvalho Melo, Alferes Dr. Oliveira Tôrres, quasi todos os sargentos da Guarnição, etc.

Vitória Sport Club

do art. 3.º do mesmo Regulamento, que diz:

«Art. 3.º — São nulas e de nenhum efeito as resoluções das Associações filiadas, traduzidas por votos, disposições regulamentares ou simples decisões, quando forem contrárias às leis da Federação.»

As pessoas que dirigem o Vitória são conscientes; não necessitam, em caso algum, de sugestões alheias para os seus

Tendo esta Direcção constatado que nas referências feitas na Imprensa acerca do protesto apresentado após o encontro Vitória-Sporting se insinuava a possibilidade de êle ter sido inspirado por pessoas estranhas, vem declarar categoricamente, afim de obstar juízos errados, que lhe pertence exclusivamente a responsabilidade dêsse protesto, cujo fundamento principal não é — ao contrário do que pode deprender-se do que tem sido escrito — o alegado off-side, mas sim, e isto é conveniente saber-se, o facto da Associação de Futebol de Braga ter infringido uma importantíssima disposição do Regulamento Geral da F. P. F. A., incorrendo por êsse motivo na sanção

ESPUMANTES NATURAIS
«RÁPOSEIRA»
Concorrem vantajosamente
com as grandes marcas da
«Champagne»

actos e, na presente emergência, como aliás, em todas as circunstâncias, unicamente desejam que se observe com o devido escrúpulo o que se encontra superiormente regulamentado.

Guimarães, 23 de Novembro de 1934.

A Direcção do Vitória Sport Club.

ESPUMANTES NATURAIS «RAPOSEIRA»

Vinhos perfeitos, deliciosos e de reputação consagrada.

COISAS & LOISAS

UMA PROFECIA

Se até ao próximo ano de 1935 não desaparecer da cidade de Guimarães o famoso «Castelo dos Desalmados» — essa vergonha horrível, que causa enjugo e que compromete a própria dignidade dos vimezanenses que se interessam pela sua terra, a Comissão de Estética da mesma cidade, que até ao presente não foi ouvida, ver-se-á obrigada a solucionar o caso por intermédio da Sociedade das Nações. Por sua vez, este organismo resolverá, por unanimidade, mandar arrasar o referido «Castelo» por um daqueles junkers que despejam quatro mil balas por minuto.

— Pelo visto — se a profecia não falhar — o «Castelo dos Desalmados» não continua, por muito mais tempo, a ser um dos símbolos das misérias desta terra. Oxalá, pois, que a profecia seja verdadeira.

SÓ POR ENCANTO...

Já está a parecer um encanto aquilo que diz respeito à continuação da estrada da Corredoura, já terrelanada até às proximidades da freguesia de Rendufe, servindo toda a de Lobeira e favorecendo muito a de Atães. No lugar de Alvelhe, freguesia de S. Torcato, não se fez, ainda, a ligação da mesma estrada, pretendendo alguém que ela não se faça, apesar de estar interrompida apenas numa extensão de cerca de 200 metros, como há tempos já o disse nesta secção. Não tenho parentes nem aderentes em S. Torcato ou em qualquer das freguesias beneficiadas por aquela estrada; tenho, unicamente, a preocupação de pugnar pelos interesses do concelho de Guimarães. E' devido a isto que mais uma vez trago à luz do dia este caso, sobretudo por me constar que um cavaleiro de S. Torcato — por acaso mais claro do que turvo — procura mexer os cordelinhos no sentido de conseguir a inutilização da estrada já feita, desviando-a para outra direcção com manifesto prejuízo das freguesias que pretendem ser beneficiadas e do Município, o qual já ali gastou algumas dezenas de contos. E' assim, que, muitas vezes, se perdem alguns melhoramentos, quando à frente deles aparece o egoísmo particular. Julgo, porém, que os srs. vereadores atenderão, em primeiro lugar, à justiça e não às conveniências pessoais.

O que é preciso, é quebrar este encanto.

PELA INSTRUÇÃO

E' sempre consolador tudo aquilo que se faça em benefício da instrução, tal é a importância que ela tem nos vários problemas sociais. Um povo devidamente instruído atinge um certo grau de civilização, que muito concorre para o aperfeiçoamento da humanidade. O exemplo disto, encontramos em todos aqueles países cuja percentagem de analfabetos se encontra, na actualidade, muitíssimo reduzida. O mesmo não se pode dizer de Portugal, onde aquela percentagem ainda é muito elevada, se bem que alguma coisa tenha diminuído na vigência do actual regime. Há terras que têm feito muitíssimo em prol da instrução, que é, indubitavelmente, uma das bases da salvação nacional. Em Guimarães, embora muito devagar, também alguma coisa se tem conseguido fazer neste sentido.

Presentemente, principiou a funcionar

FOLHETIM

A SEXTA

Por GABRIEL D'ANNUNZIO

(Tradução de L. COELHO)

D. Laura, essa caíra num estontamento que a apresentava como inerte. As lágrimas secaram e punham brilho nas pestanas. Não dava conta da realidade. Onde estava? Que fazia?

O barco chocou levemente na margem. Os carneiros, oprimidos uns contra os outros, tinham medo da água e baliavam. O pastor, o passador e o seu filho ajudavam-nos a descer. Logo que se apanhavam em terra firme, os carneiros esboçavam uma corrida, paravam, refúniavam-se e recomoçavam o seu balido.

Dois ou três anos equilibravam-se nas suas compridas e disformes pernas, procurando agarrar a teta da mãe.

Quando foi dado por findo este trabalho, Lucas Marino, prendeu o barco numa haste. Depois, com arrastados e grandes passos, subiu a margem na direcção do quintalão. Era um homem que apresentava ter 40 anos, alto, magro, queimado pelo sol e já calvo nas fontes. Usava um bigode de cobr indecisa e uma meia dúzia de pêlos semeados no queixo, as

uma escola de dois lugares na freguesia de Mesão Frio, um belo edifício há pouco tempo acabado de construir, para o que muito contribuiu o esforço e persistência do sr. A. L. de Carvalho, que, como vereador do pelouro da instrução, igualmente conseguiu, com a colaboração dos seus colegas, a instalação da escola feminina do Coração de Jesus no edifício onde esteve a Administração do Concelho, cujas condições higiénicas e pedagógicas são muito superiores às do edifício onde estava a funcionar esta escola.

Pelo que me dizem, outros melhoramentos estão destinados à causa da instrução, com o que muito deve folgar a população vimezanense. E em matéria desta natureza, não há que hesitar. E' para a frente que se deve ir, travando-se, deste modo, uma luta tenaz contra a praga maldita do analfabetismo, factor que não deixa conseguir as aspirações a que todos têm direito — as de um maior ou menor grau de instrução. O povo de hoje já não é o de outros tempos, desses tempos de triste recordação em que era necessário decretar leis com penalidades para os pais que não mandassem os seus filhos frequentar a escola. Hoje, a transformação está feita em sentido diferente, não havendo escolas para todas as crianças que as desejam frequentar. Eis o motivo porque se deve fazer tudo pela instrução.

HORÁRIO DE TRABALHO

Uma parte da gente portuguesa tarde ou nunca se convencerá de que o cumprimento da lei é um dever sagrado. Em Guimarães, também há quem ainda não se tenha compenetrado disso, acontecendo que a lei sobre o horário de trabalho não é cumprida por todos, facto que reverte em prejuízo daqueles que têm os seus direitos garantidos por essa mesma lei. Se aparece quem seja escrupuloso nisso, aparece quem o não seja, abusando do empregado como que se este fosse qualquer besta de carga. Ora, não está certo. O descanso é inteiramente justo, é absolutamente preciso. Muito menos dispensável é a pintura das unhas, e outras inovações da transfiguração da Natureza, se bem que sempre houve gostos para tudo. Com mais razão, pois, se deve cumprir o horário de trabalho. Como de costume, a carapuça é só para quem ela servir. Fica feita esta prevenção para evitar melindres e para que os fornecedores das referidas carapuças façam a encomenda somente das necessárias.

O VITÓRIA E A VITÓRIA...

Não sou daqueles que morrem de amores pelo jogo do futebol, não porque não saiba reconhecer a sua importância como elemento poderoso do desenvolvimento físico, quando praticado metódicamente, mas pela simples razão de constituir, em algumas terras deste país, um dos grandes factores da discórdia, devido à deslealdade de alguns desportistas deste género. Terras há, em que para manter a ordem num jogo destes, sobretudo tratando-se de Campeonatos, é necessário mobilizar a Polícia e a Guarda Republicana, o que algumas vezes ainda é insuficiente. Portanto, uma das partes principais do jogo, aquela que também devia estar em primeiro lugar, que é a serenidade e a prudência, é, em muitos casos, posta à margem.

Quanto ao grupo do Vitória Sport Club, de Guimarães, seria uma injustiça incluí-lo dentro deste sector desagradável e, ao mesmo tempo, de dolorosa impressão. Este grupo é um daqueles que procuram juntar o útil ao agradável, isto é, adaptar-se às regras do jogo, aliando a isto a qualidade muito apreciável de não provocar conflitos, embora a sorte não o proteja. Se ganha, fica satisfeito; se perde, conforma-se. Estas ligeiras considerações vêm a propósito de dizerem que ele teve uma derrota no domingo passado e que, portanto, ficou sem uma vitória. Se assim aconteceu — e os bons mestres também têm as suas falhas — pode dizer-se, todavia, que a rapaziada do Vitória deixou de ter uma vitória com a bola, alcançou mais uma outra — a vitória da fialdade, da correcção e da educação. Eu, por exemplo, sou mais adepto desta do que, pró-

faces tsnadas e com dois olhos turvos, sem qualquer vivacidade de inteligência, rajados de sangue, verdadeiros olhos de bom bebedor.

A camisa entreaberta, deixava ver um peito peludo; uma górra engordurada e sebenta lhe cobria a cabeça.

— Uf! — exclamou bruscamente, em frente do coberto.

E parou para tomar fôlego, as pernas abertas em compasso, limpando com a mão as camarinhas de suor que escorriam da testa.

Passou deante dos freguezes sem olhar para ninguém. Todos os seus gestos, as próprias atitudes tinham alguma coisa de desgracioso e de brutal.

As mãos enormes, nas costas das quais as veias pareciam furar a pele, aquelas mãos habituadas ao remo pareciam estorvado muito. Conservava-as pendentes ao longo do seu corpo esguio e tomavam balanço ao andar.

— Uf! que sede!...

D. Laura ficou petrificada, sem palavras, sem vontade, sem consciência.

«Aquele homem era seu filho! Aquele homem era seu filho!»

Uma mulher grávida, figura de mulher idosa, maltratada pelo trabalho e pelos partos, trouxe um copo de vinho ao marido sequioso. Ele, levando o copo à boca, bebeu-o dum trago, limpou os lábios às costas da mão e fez estalar a língua. Depois, como o trabalho seguido lhe parecia-se penoso, disse com um ar rabugento:

priamente, daquela. Não deve, pois, haver motivo para prejudicar a simpatia que os actuais Campeões do Distrito têm sabido conquistar, porque isso somente lhes servirá de desânimo e desalento. Essa simpatia deve continuar a manter-se e manter-se-á. O contrário, seria uma exigência muito ilegítima.

E para variar, ofereço aos meus generosos leitores este *pratinho* de futebol.

Pipi.

ESPUMANTES NATURAIS «RAPOSEIRA»

Vinhos resultantes de uma técnica consagrada e uvas especiais.

GUARDA-CHUVAS

para
HOMEM E SENHORA
Acaba de receber
as
Últimas novidades

Camisaria Martins — Casa das Meias

Esquema semanal

A PAZ... ARMADA

A S. D. N. continua a não saber como manter a Paz entre os povos seus filiados.

Quantos mais discursos pacifistas tanto mais o problema do desarmamento se complica, agora viras tu, agora viro eu, numa dança de oito que foge muito ao compasso do marcador, desorientado aquele areópago pelo arreganho com que os entendidos falam da guerra.

Nada e criada a S. D. N. para arbitrar das questões internacionais — é um consócio ver como a primeira delas falha — a Paz... armada.

ELEIÇÕES DO ESTADO NOVO

Segundo uma entrevista concedida pelo sr. Ministro do Interior a um jornal lisboeta, por todo esse país fora reina um grande entusiasmo pelo próximo acto eleitoral.

Toda a gente se apressa, já foi publicada a lista dos ilustres deputados e das também ilustres deputadas, prometendo o acto revestir-se duma imponência e concorrência sem limites — tal a vontade de ver funcionar a nova Assembleia Nacional.

A ver vamos o montante de volantes que acorrem à chamada, firmes e escudados na União Nacional, que não é um partido político.

A obra do Estado Novo completará-se após a eleição presidencial, vigorando a nova Constituição aprovada pelo Governo e rectificada por um plebiscito.

MATUSKA

Teve seu epílogo o julgamento dessa figura sinistra de criminoso que se chama Matuska.

Os juizes condenaram-no à pena capital, muito embora o réu confessou poetizasse o seu fervor religioso e puzesse em foco a bem ensaiada alienação mental.

No entender desses magistrados, o descarrilador de combóios terá de ser banido da sociedade e pagará com a vida os crimes perpetrados em inocentes vidas, clame muito embora por Nossa Senhora de Nazareth ou por Roosevelt, reze em alta voz ou declame teatralmente.

A morte, eis o argumento final! A justiça implacável, eis a recomendada virtude!

Já João de Deus a defenira, com acerto e alto conceito filosófico:

«Que és virtude, se de luto
Nos vestes o coração?»

AINDA O CRIME DE MARSELHA

Carregam-se de névens escuras os ares do Oriente.

De novo os estados balbânicos são o foco de todas as atenções. Serajevo de 1914, e a Sérvia foi o rastilho da Grande

— Vamos!

E, com a ajuda do seu filho mais velho, um rapagão de 15 anos, preparou o barco, colocou duas tábuas entre a margem e a cinta do costado do barco para tornar o embarque mais fácil.

— Porque não sobes, senhora? — inquiriu o velho, veudo que D. Laura não se movia nem falava.

D. Laura levantou-se maquinalmente e seguiu o velho, que a auxiliou na subida.

Para que subia? Para que transpunha a margem? Por nada o reflectiu; não tomou conta do que fazia. Recebido aquele golpe, o seu espírito agora ficava inerte, imobilizado por um pensamento único: «Aquele homem era seu filho!». E, pouco a pouco, sentia em si qualquer coisa que se extinguia, que se esvaia: pouco a pouco, sentia um grande vazio a fazer-se em volta da sua alma. Não compreendia nada; os objectos e os sons eram aparências de sonho. Antes da partida do barco, o filho de Lucas veio pedir o dinheiro da passagem; mas ela não o ouviu. Este acreditou que a senhora era surda por causa da velhice, e repetiu o pedido com uma voz mais elevada, fazendo saltar no covado da mão o dinheiro recebido dum passageiro. Quando ela reparou que toda a gente metia a mão na algeibra e pagava, resolveu-se e fê-lo como os outros; mas entregou mais do que o custo. O rapaz quiz-lhe fazer compreender que não tinha tanto dinheiro e que não conseguira tróco para lhe dar. Ela teve um ges-

Guerra. Ultimatum de 1912, e os Balcanes se coligavam para expulsar os turcos da Europa. Hoje, dado o arreganho com que o representante da Iugoslávia acusa a Hungria, tornando-a cúmplice do atentado de Marselha, o que virá a suceder nesta hora em que tanto se fala de Paz?!

«Fechai as torneiras, rapazes; os prados já beberam bastante».

VERÃO DE S. MARTINHO

Afora umas nortadas rijas, o verão de S. Martinho não vai mau.

Sol borralheiro, noites de luar e a indispensável geada para dar às folhas aquelas tonalidades desmaiadas que são encanto dos poetas e dos pintores.

Bela quadra a do Outono! Abençoados S. Martinho!

L. F. F. C. E.

Aos nossos leitores

Por motivos de força maior sai este nosso número com algum atraso, o que esperamos ser-nos desculpada.

CALÇADO

AGASALHO

o maior sortido
aos melhores preços

SÓ NA
CAMISARIA MARTINS

ESPUMANTES NATURAIS «RAPOSEIRA»

Produtos de alta qualidade e de preços justificáveis.

Dos Livros. Dos Jornais.

COLECCÃO «AMANHÃ»

Dirigida por Miguel da Cruz

A Coleção «Amanhã», novelas, crónicas, reportagens, biografias, ensaios, história, poesia, humorismo, teatro, assuntos da maior actualidade tratados pelos nomes mais representativos das nossas letras e do jornalismo, interessa a todo o género de leitores.

O primeiro volume *Dez Novelas — Dez Novelistas*, sairá durante o mês de Novembro e é colaborado por José Rodrigues Migueis, Hugo Rocha, Augusto Ricardo, Fausto Duarte, Artur Inez, Augusto Pinto, Guedes de Amorim, Artur Portela, Humberto Ribeiro e Julião Quintinha.

Dentro do próprio volume inclui-se um boletim, onde o leitor inscreverá o nome do autor e o título do trabalho que lhe despertou maior atenção ou que, pelos seus méritos naturais, o torne credor de inteira aprovação.

Trata-se, como se está vendo, dum originalíssimo concurso literário, em que o gosto e a cultura de quem lê são chamados a colaborar.

Cada volume constará de 280 a 300 páginas, e será pôsto à venda pelo preço de 10\$00, bastando, para receber contra-reembolso este primeiro volume, enviar o nome e a morada para a Rua Diário de Notícias, 113, ou pelo telefone 28761 — Lisboa.

Pela natureza desta iniciativa, cujos fins essencialmente culturais a recomendamos aos que prezam a boa leitura, encontrarão os leitores temas e assuntos com que satisfazer as exigências do seu intelecto.

Estudantes, operários, empregados no comércio, todos lucrarão em assinar esta Coleção. A par de boas e agradáveis horas de leitura, encontrarão também vasto material com que enriquecer os seus conhecimentos e aperfeiçoar a sua cultura.

UM POSTAL PRECIOSO

Comunica-nos o nosso prezado colega *Vil Li Ri*, arquivo das melhores ane-

to de inconsciência. Logo o rapaz o embolsou todo, fazendo uma carantonha maliciosa. E os espectadores sorriram, com aquele sorriso astuto que os camponeses têm quando são testemunhas duma maroteira.

alguem perguntou:

— Parte se?

Lucas que até então estivera ocupado a desligar o barco do ancoradouro, deu um empurrão e este deslizou docemente na água cheia de redemoinhos. Ter se ia dito que a margem fugia com os seus canhões e ulmeiros, e se recortava em lâmina de foice. O sol, declinando lentamente para o céu ocidental onde vapores de violeta subiam, incendiava toda a margem. No bôrd desta, um grupo de pessoas que gesticulavam fazia descobrir os mendigos à volta do idiota. Por espaços, o vento trazia farrapos de risos e palavras que muito se assemelhavam ao marulho das vagas. Os barqueiros, nús da cinta para cima, esforçavam-se por dar resistência aos remos para melhor vencerem a corrente.

D. Laura via diante de si as costas de Lucas, negras, cavadas pela elevação das costelas, inundadas por prateados fios de suor. Ela fixava ca a vez mais os seus olhos, um pouco dilatados, cheios da imagem visionária.

Um dos passageiros, tomando os seus tricotes postos debaixo do banco, exclama:

— Eis-nos chegados.

doctos de todos os tempos e de todos os países, que esteve suspenso desde janeiro deste ano (n.º 28, do 2.º ano) por motivo de doença gravíssima de um filho do seu director e compilador único, sr. dr. Artur Bivar. O perigo está quasi passado e a interessante publicação reaparecerá ainda este ano, mudando a sua redacção de Arcos de Valdevez para Lisboa.

Entretanto, como sempre fez pelo Natal, oferece um brinde valioso a todos os seus leitores e aos leitores de todos os jornais portugueses, sem distinção de côres. É um postal ilustrado, de propaganda, verdadeiramente precioso. Custa apenas 50 centavos, leva um número impresso e quem o comprar deve, todas as semanas, até ao Natal do ano que vem, ver se esse número corresponde ao da Sorte Grande da Lotaria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, ou às suas aproximações. Se corresponder, regista-o e envia-o à sede em Lisboa, 220, Rua Augusta, 222, e recebe o n.º de um décimo da Lotaria da Santa Casa para a semana seguinte, que pode ganhar até 40 contos nas lotarias ordinárias; 600 contos na do Natal ou 300 na de Santo António, ou qualquer outro prémio, que será dividido na proporção de 80% para o postal que tinha número igual ao da Sorte Grande e 10% a cada um dos postais que tinham números de aproximação.

Se o décimo não tiver nenhum prémio, o postal da Sorte Grande receberá, como prémio de consolação, uma coleção completa do 1.º ano do *Vil Li Ri* em papel superior, com mais de 6.000 anedotas, contos e gravuras; e cada um dos outros dois postais também a mesma coleção em papel inferior.

Se algum dos premiados já possuir essa coleção, pode receber o 2.º ano gratuitamente, ou o 1.º de algum dos interessantíssimos cursos alegres de latim, francês, inglês, italiano, editados pela *Escola Gráfica*.

E', como se vê, um interessante meio de propaganda, um Postal verdadeiramente precioso, porque qualquer pessoa, só por 50 centavos, pode habilitar-se ou habilitar uma pessoa amiga, durante um ano inteiro, a um chorudo prémio em dinheiro ou a um valioso brinde, escrevendo-lhe num destes postais.

Mimimo de venda, enviando a respectiva importância, mesmo em estampilhas, 5 = 2\$50. Mais de 5, podem pedir-se, por simples postal, à cobrança, sem mais despesa. Para revendedores e casas comerciais, que queiram brindar com estes postais os seus clientes, 10% de desconto e para casas comerciais que requeirerem mais de um cento imprimem-se gratuitamente os seus nomes e até 6 linhas de texto nos seus postais. Dirigir a correspondência a *Escola Gráfica, 220, Rua Augusta, 222, Lisboa — ou — Escola Gráfica — Arcos de Valdevez*.

CACHE-COLS

Ver nas montras da
CASA DAS GRAVATAS.

As novas instalações do

«Notícias de Guimarães»

Como havíamos já anunciado, o «Notícias de Guimarães», abriu as suas novas instalações, à rua da República n.º 45-47, as quais julgamos bem corresponderem à simpatia duma grande maioria do público vimezanense.

Aqui contamos receber, d'oravante, todas as pessoas que nos queiram honrar com a sua visita — os colaboradores, os assinantes, os anunciantes, todos os amigos, enfim, — pois tratando-se de um jornal que é de Guimarães e que esta terra serve sincera e desinteressadamente, esta casa — a sua casa — tem as portas abertas a todos os vimezanenses.

Conta-se já por muitas dezenas o número de pessoas que nos têm apresentado felicitações pela abertura do novo escritório. A todas um muito obrigado bem sincero e bem amigo.

O nosso arquivo e a secção de expediente continuam instalados no Largo do Conselheiro João Franco, 30 (próximo às novas instalações).

Lucas agarrou a corrente e lançou-a para a margem. O barco foi se aproximando lentamente ao sabor das águas, e, com uma saucedela, parou. Dum salto, os passageiros puzeram-se em terra e tranquilamente, ajudaram a descer a velha senhora. Depois continuaram o seu caminho.

Deste lado da margem a campina estava plantada de vinhas. As cepas, baixas e magras, alinhavam-se em filas verdejantes. Aqui e ali, as copas arredondadas de algumas árvores quebravam a uniformidade da planície.

Nesta margem sem sombra, D. Laura encontrou-se sósinha, perdida, sem outra consciência de si própria que aquela que lhe vinha da palpitação continua das suas artérias e dum zumbido profundo que lhe ensurdecia os ouvidos.

A terra faltava-lhe debaixo dos pés e, a cada passo, parecia que se enterrava na areia ou lama. A sua volta, as coisas turbilhonavam e confundiam-se; tudo lhe comprimia a existência, toruanda um vago longínquo, esquecida, morta para sempre.

A loucura apoderava-se do seu cérebro. Algumas vezes, teve a visão de homens, de casas, dum outro país, dum outro céu. Foi de encontro a uma árvore, caiu numa pedra e a custo se ergueu. E o seu pobre corpo de velha cambaleava com movimentos por vezes terríveis e grotescos.

(Continua).

Aos nossos assinantes de fora

Mandamos já para o correio os recibos dos nossos prezados assinantes de fora do concelho, referentes ao 2.º semestre deste ano, esperando que nos seja dispensado o costumeado bom acolhimento.

Crónica Desportiva Aspectos do Campeonato Distrital

Em Braga, o «Vitória», é vencido pelo «Sporting Club de Braga, por 1 a 0 — Calendário dos jogos de Campeonato — Uma atitude insolita — Um árbitro que não conhece os «off-sides», de posição — Mulheres do diabo e a mãe dele — Notas à margem —

Como estava previsto, o Campo dos Peões, em Braga, registou a sua maior enchente desde que nele se pratica o Foot-ball.

Povo em barda e automóveis a escanar.

Muito antes da hora marcada para o encontro, já com dificuldade se apanhava um lugar, tal era a ânsia de bem ver a renhida luta entre o Campião da Época finda e o «favorito» bracaraense. A's 15 horas menos poucos minutos entraram em campo os grupos contendores, respectivamente capitaneados por Lameiras e Figueiredo. Grandes e estrondosas ovações. A's 15 e 15, surge no terreno a figura do sr. Henrique Rosas, do Colégio de A'rbritos de Setúbal.

Feitos os cumprimentos da praxe, pelo árbitro são feitas recomendações especiais aos capitães dos grupos e, após o sorteio do terreno, é escolhida a bola, que deve entrar em jogo.

Coube a saída ao «Vitória», que, numa desorientação espantosa, se transformou em joguete do team bracaraense, sem apêlo nem agravos. A's 15:35, o «Sporting», cruza o jogo que Adélio consente, e o «Vitória» rapidamente é batido por um ponto num remate de cabeça do extremo-esquerdo vermelho. Grande entusiasmo da parte dos bracaraenses, agitam-se bandeiras e vôm os chapéus pelos ares.

Posta a bola no centro, de novo o «Sporting» exerce pressão, obrigando a defesa vimaranense a um trabalho intensivo. Terminou o 1.º tempo por 1 a 0 com a habitual vantagem para os «sportinguistas».

No 2.º tempo, coube a saída ao «Sporting» que já não ameaça como de começo. Esforçado e valoroso no 1.º tempo, resente-se das energias gastas e, agora, é o «Vitória» quem comanda a partida, pondo em perigo as redes de Lima. Uma ou outra fugida dos vermelhos, que a defesa vimaranense alivia, e sempre o bombardeio intensivo a Lima que parece nervoso. Já e logo a mesma característica de jogo, off-sides que se assinalam, e o termo da luta inglória para as cores vimaranenses que não conseguiu o empate sequer.

Do «Sporting de Braga» destacaram-se Figueiredo, Argentino, Mica, Lopes, Quincoces e Cunha, bach-esquerdo. Li ma abusou das estiradas, por desnece-sárias, todavia mostrando-se seguro, sendo um forte esteio do club bracaraense.

De Guimarães há a salientar: Adélio, que defendeu num grande ânto de vontade, revelando-se no dizer do sr. Cerqueira Gomes, de Braga, um grande guarda-redes «bom em qualquer parte e em qualquer grupo». Devia ter sido o melhor dos 22 homens em campo.

Parades teve um trabalho estenuante e brilhou pela maneira como segurou Figueiredo e Argentino, entrando duro e perfeitamente adaptado ao lugar. Maneca, demonstrou ser um bom auxiliar.

Gonçalves (Laureta), foi o player que se multiplicou em esforços. No dizer de Augusto Martins, do «Correio do Minho», foi o único que na meia-defesa «esteve à altura do seu lugar» e que ainda segundo a opinião de Cerqueira Gomes, apesar de velho, joga «com entusiasmo e com intuição».

Da restante linha de halfs somos forçados a julgá-la prejudicada pelo atrazo com que jogou a linha dianteira.

Dos forward's nem merece que alguma coisa se diga em seu abono. Excepção feita a Vergílio e a Vieira, a nossa linha dianteira não teve existência real. Sempre atrasada, batendo fracamente o esférico, mais nos pareceu que estava ali para frete do que para exercer a prática de foot-ball. Os seus componentes foram os únicos responsáveis do domínio a que foi sujeito o «Vitória». Eles e só eles! Nem amor clubista nem camaradagem. Mas, adiante.

Calendário dos Jogos de Campeonato

Table with 2 columns: Location/Team and Score. Includes Sporting de Braga vs Vitória de Guimarães (1 a 0), Sporting de Fafe vs Gil Vicente de Barcelos (3 a 1), P.ª de Lanhoso: Comercial de Braga vs Maria da Fonte (5 a 2).

Classificação (Segundo o «Correio do Minho»)

Table with 2 columns: Team and Points. Sporting de Braga (27), Vitória Sport Club (18), Sporting de Fafe (17), Comercial de Braga (15), Gil Vicente (11), Espozende (10).

Maria da Fonte. 9 S. C. de Fomalico. 8

(*) Continúa à cabeça o «Sporting de Braga» que a jogar com Barcelos terá de determinar uma incógnita.

— Na 1.ª parte a uma entrada de Gonçalves, o petiz Lopes do «Sporting», sem dizer água-vai, descarregou-lhe um cachapo. Este fedelho, que em qualquer outra parte teria desaparecido com um ligeiro sópro, sentiu-se escudado não sabemos em que força, e usou duma atitude insolita que só veio desprestigar quem a autorizou. Se o «Vitória» tivesse um capitão de team à altura das suas responsabilidades, um capitão que não fosse uma nulidade mental, o muchacho teria vindo para fora do campo, para exemplo e memória da sua facécia. Assim, comer e calar foi a divisa seguida por Gonçalves, que aliou ao seu ardor combativo a máxima educação desportiva. Lopes foi ridículo e nojento. Eis o desagravo . . .

O sr. Henrique Rosas teve êrrros palmares. Enfatado numa vaidade que só nos mereceu compaixão, tanto quiz apurmar que se estabeleceu de maneira estrondosa. Primeiro, arvorou-se em professor; depois, em capa de misericórdia; e em seguida revelou só ter conhecimento dos off-sides de acção, prejudicando sistematicamente o grupo vimaranense.

E assim, para que não aleguem ignorância os que só veem aquilo que lhes apráz, vamos avivar todas aquelas memórias que estão impregnadas de alegria ou martirizadas pela tristeza.

A's 15:45, na 1.ª parte do jogo, S. Ex.ª não assinalou o off-side a 2 players de Braga, mas sim quiz marcar um corner ao «Vitória» que nunca existiu, provando-se que o bach-direito vimaranense não puzera pé no esférico.

A's 15:50, foi marcado um castigo ao interior direito do «Vitória» que representou uma arbitrariedade sem nome.

No 2.º tempo, a Simões foi marcado um off-side de posição quando é certo que o passe foi feito por Lameiras a Vergílio, que correu sobre o goal e não Simões, interior-esquerdo do grupo vimaranense.

Figueiredo, de Braga, também sofreu um castigo injusto, mercê da pouca serenidade do sr. Árbitro.

— Assim ficam feitas as descargas de consciência, não vá o entusiasmo chamar simplesmente bom ao que foi sofrível.

Há muito que se diz que a mulher de Braga é de pelo na venta e quem tudo manda.

Vimos confirmados o dichote, pois tivemos ocasião de observar que elas são mulheres do diabo e a mãe dele.

Panos vermelhos em aceno, manguitos, gestos de fazer beicinho, dits indecorosos, tudo agüentamos com ar misericordioso e compassivo. Admiramos tanto o entusiasmo como a falta de educação — mas a respeito de mulheres, só . . . em Braga e Pico dos Regalados.

Distribuidos os quinhões pelas partes, cumpre-me também apossar-me do meu «antes que fique em branco».

Notas à margem — epigrafei, e serão notas desprezíveis e sem outro intuito que não seja dignificar o bom nome da terra, uma vez mais posto em jogo.

E dest'arte . . .

— Devem acabar as picúlnhas no desporto para dar livre entrada à franqueza.

— E' considerado máu desportista todo aquê que não tem a coragem e a força moral para reagir contra a sua própria vontade, ludibriando com palavras enganosas e espelhando-se no ganho que possa obter.

— Não é de verdadeiro desportista a vida desregada que só a boa-vida proporciona, abusando e usando de excessos que prejudicam a própria saúde.

— O amor clubista deve sobrepôr-se ao lucro que advenha do ingresso em determinado club, calando-se a boca indiscreta que diz: «o que eu quero é o dinheiro».

— A vaidade desportiva é o piór conselheiro para quem pratica o Desporto, contribuindo até para o desmantelamento do club a que se pertença.

— Quando se reconheça uma futilidade ou um propósito de sugar a teta alheia, um caminho se nos depara: correr com a coisa fútil e reforçar o erário associativo.

— Queimado o fogo de vistas, reconhecendo-se que nenhuma outra novidade nos sugere, é chegar-lhe o lume por uma vez para que se não assista a girândola de pobreza — a pobreza que rebaixa e deprime.

— O dizer-se num balneário que «não interessa a vitória do seu club», o mesmo é que trastejar com a consideração que sempre tem merecido ao povo desta hospitaleira terra, máu grado o compadrio protector, urgindo, portanto, o arranjar de máscara que mostre a beleza de feições que traz maquiillage de cera.

— Finalmente, a disciplina clubista deve ser rigorosa, inclemente, provando-se à evidência que, se fraqueja, nada há que imponha ao referido club condições de vida.

Alguém nos pergunta das possibilidades futuras do «Vitória» e se terá de correr seu fado em contratar anualmente jogadores estranhos à terra (?).

Tr-lhe-emos respondendo conforme o espaço.

ESPECTADOR.

Casacos de malha e blusas para senhora. Pollovers e coletes para homem.

O maior sortido, a maior novidade e aos preços mais módicos

— NA

CASA DAS GRAVATAS.

TERRENO

O melhor situado, junto do edificio dos novos Paços do Concelho em construção, com a superficie de 590m2 vende-se. Informa esta redacção.

Da Cidade

Nova escola do Pevidem — No importante centro fabril do Pevidem realiza-se hoje, solenemente, a inauguração dum novo edificio escolar, a que devem assistir as autoridades locais, Governador Civil do Distrito, Inspector-Chefe da Região Escolar e outras entidades.

Usarão da palavra, no acto, os srs. dr. Sebastião de Menezes, dr. João Antunes Guimarães e Conde de Alentem.

Escola de Mesão-Frio — Começou a funcionar, na segunda-feira passada, a nova e magnífica escola de S. Romão de Mesão-Frio.

Vistoria numa escola — Esteve, nesta cidade, o sr. Manuel Boaventura, muito digno inspector do Distrito Escolar de Braga, que veio vistoriar a Escola Primária Oficial do Coração de Jesus (sexo feminino), que funciona no edificio, onde outrora esteve instalada a Secção Administrativa d'este concelho. Sua ex.ª achou a com todas as condições higienicas precisas.

MALHAS

NÃO COMPRE SEM VÊR SORTIDO E PREÇOS DA CAMISARIA MARTINS — Casa das Meias

Cantina Escolar — Abriu a Cantina Escolar Vimaranense. Os alunos pobres, que recebem a sopa diária, desta instituição de caridade, são em número de . . .

Queda grave — Encontra-se retido no leito em consequência de uma queda que deu, na sua propriedade do Ssuto de Cima, da qual resultou a fractura de três costelas, o sr. António da Silva, zeloso membro da Direcção do Asilo de Santa Estefânia e sógro do nosso prezado assinante sr. José Cosme. Ao doente desejamos rápidas melhoras.

GRAVATAS

Acabam de chegar as últimas criações.

— NA

CASA DAS GRAVATAS.

Ocorrências — Foi encontrado prostrado sem fala, na via pública, Sebastião da Silva, desta cidade, que recolheu ao hospital da V. O T. de S. Francisco.

— Pelo Chefe da P. S. P., foi conduzida à Casa de Saúde do Bom Jesus, em Braga, onde ficou internada, a expensas do sr. Administrador do Concelho, a demente Glória Salgado, de 24 anos; pelo guarda n.º 91 foi preso Ildio de Sousa Ribeiro, de 24 anos, solteiro, moço de fretes, por ter rgedido à bofetada Manuel de Almeida; pelo guarda n.º 95 foi presa Maria da Glória, de 22 anos, que fugiu de casa de seus patrões furtando-lhes roupas e 50\$00.

Falecimentos — Em Vila Real, onde se encontrava, faleceu o nosso conterrâneo sr. Alberto Mourão, estimado farmacêutico. A' família enlutada os nossos sentimentos.

— Na Casa do Outeiro, em Paçõ-Vieira, faleceu o sr. General Deocleciano Martins que contava 68 anos e era nesta cidade, onde residiu, muito estimado. P'sames à família dorida.

— Faleceu ontem o industrial sr. Teodoro Leite, sógro do nosso bom amigo e estimado farmacêutico local sr. José António Pereira, a quem apresentamos condolências.

O funeral realiza-se amanhã, às 11 horas, na igreja de S. Francisco.

CACHE-COLLS

para HOMEM E SENHORA ULTIMAS CRIAÇÕES

CAMISARIA MARTINS — Casa das Meias

Falta de espaço — Por absoluta falta de espaço, ficamos de fora bastante original, do que pedimos desculpa aos nossos colaboradores e assinantes.

Confraternizando — O grupo recreativo local «20 Arautos de D. Afonso Henriques» comemorou, festivamente, no passado domingo, o seu 6.º aniversário, com uma missa em sufrágio da alma dos sócios falecidos, antes da qual foi benzido o novo e lindo estandarte do grupo, confeccionado pelo hábil fotografo, sr. Domingos Alves Machado e por sua galante filha sr.ª D. Adélia Machado, e um almoço de confraternização que teve lugar na «Pensão de Guimarães» e decorreu no meio da mais franca animação.

O serviço bem confeccionado e em abundância confirmou, mais uma vez, os créditos de tam acreditado estabelecimento. Ao «Pôrto» brindaram os srs. João Rodrigues, Domingos Alves Machado e Rafael da Rocha Guimarães, que se referiram aos «Arautos», — corações onde há patriotismo, ao serviço da terra que foi berço de Afonso Henriques e é o berço da Pátria — e dirigiram, também, palavras cativantes ao «Noticias de Guimarães». Essas palavras, bem sinceras adivinhámo-las — calaram fundo no nos-

so coração, tendo-as agradecido o nosso director.

Laboratório de análises — Não vai há muito tempo, ainda, que o distinto clinico e illustre vereador da C. A. da Câmara, sr. dr. José Maria de Castro Ferreira, propôs, numa sessão da mesma C. Administrativa, a criação dum Laboratório de análises.

Com muito prazer registamos já que o Laboratório de análises de leites e lactícios, instalado numa das dependências da Câmara, abriu as suas portas na passada quinta-feira para começar a fazer sentir a sua benéfica acção. Visitámo-lo, a convite daquele illustre vereador, que, como o sr. dr. Joaquim de Barros, muito digno veterinário municipal, a cargo de quem fica a direcção do mesmo Laboratório, nos acompanhou na rápida visita, dando-nos todos os esclarecimentos. Salão amplo, confortável, cheio de luz, está magnificamente apetrechado, com uma excelente centrifugadora eléctrica, um óptimo microscópio e muitos outros objectos indispensáveis para o bom êxito dos fins em vista, podendo afirmar-se mesmo — o que nos consola — ser o melhor Laboratório municipal existente no país.

Por tam importante melhoramento, felicitamos a digna C. A. do Município e, muito especialmente, o sr. dr. Castro Ferreira.

Campionato de bilhar — Na Associação de Classe dos Empregados do Comércio, tem decorrido, com bastante entusiasmo, o campeonato de bilhar, levado a efeito por alguns associados daquela prestante colectividade.

Festas Nicolinas — Cumprindo uma praxe do velho estatuto académico, iniciam-se, na próxima quinta-feira, estas antiquíssimas festas dos estudantes de Guimarães, com a entrada, em cortejo triunfal, do clássico «Pinheiro», o mastro anunciador dos tradicionais folguedos.

Companhia «Comércio e Indústria» — Foi nomeado agente, nesta cidade, da importante companhia de Seguros «Comércio e Indústria», o nosso bom amigo e estimado industrial sr. Alberto Gomes da Silva Guimarães. Os nossos cumprimentos.

OS NOSSOS AMIGOS

Pediram a assinatura do nosso jornal, os nossos amigos srs. Manuel A. Barreira, desta cidade, e Domingos da Rocha Guimarães, importante comerciante da praça do Pôrto. Muito agradecidos.

NOTÍCIAS PESSOAIS

General António Flores

Passou há dias, o aniversário natalicio do nosso prezado amigo sr. General António Emilio de Quadros Flores, que nesta cidade conta muitas amizades. Os nossos cumprimentos de felicitações.

— Passou no dia 17 o aniversário natalicio do nosso prezado assinante sr. Manuel Matos Marinheiro. Parabéns.

José Luis de Pina

Conquanto se encontre ainda de cama, tem experimentado sensíveis melhoras o illustre comandante dos B. V., sr. José Luis de Pina. Folgamos.

Capitão António Flores

De visita a sua família tem estado entre nós o nosso conterrâneo e amigo sr. Capitão António Flores.

Capitão Guedes Gomes

Com sua ex.ª esposa regressou de Fermal de Basto, onde há algumas semanas se encontrava, o nosso bom amigo sr. Capitão José Guedes Gomes.

Dr. António R. da Rocha

Concluiu a sua formatura em ciências económicas e financeiras o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. dr. António Rodrigues da Rocha, filho do também nosso amigo sr. Agostinho Martins da Rocha. Um abraço de felicitações.

João S. Ribeiro

Continua de cama, tendo experimentado algumas melhoras, o nosso bom amigo sr. João Serafim da Silva Ribeiro. Desejamos-lhe pronto restabelecimento.

Doentes

Encontram-se bastante doentes os srs. José Martins Fernandes, estimado negociante local, João Alves Pimenta, digno e antigo procurador e o activo e inteligente presidente da Associação de Classe dos Empregados do Comércio, sr. António Francisco da Silva Reis.

A todos desejamos as mais rápidas melhoras.

Últimas notícias

A C. A. da Câmara aprovou, em sua sessão de 22 do corrente mês, a seguinte proposta:

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal correspondendo a um duplo sentimento de admiração e piedade pelo contingente de soldados sacrificados na Grande Guerra, filhos deste concelho, querendo neles exalçar o ideal sublimado da Pátria e dar testemunho do nobre civismo da população vimaranense, delibera erigir entre nós um monumento condigno á sua memória, passo que manifesta o desejo de que esse monumento traduza, nas suas linhas de beleza e de grandeza artística, um sentido claro, expressivo, de amor e paz entre os homens.

Votada esta proposta, foi seguidamente deliberado concorrer com o subsídio de 30.000\$00 para o início da subscrição pública, atenta a circunstância de o Município, por si só, não poder tomar todo o encargo das despesas do monumento.

A poesia popular açoreana...

Alguns comentários úteis

As minhas crónicas, desprimorosas e pouco arrebatadoras, tantas vezes sem sentido prático, que edoque e vivifique, não podiam ser tódas as mesmas. Em tudo se deve variar para não aborrecer e tornar massada, a leitura dos pacientes leitores, motivo porque hoje dedico estas ligeiras considerações aos apaixonados literatos, aqueles enfim que se preocupam com o belo e emotivo que nos faz grandes e valiosos. Poderia bem sei, fazer aqui a exaltação de alguns dos nossos melhores escritores. Poderia neste lugar que tam gentilmente me tem sido cedido, fazer o elogio crítico de inúmeras obras que apesar de serem ou terem pertencido a séculos transactos, ainda hoje conservam a mesma frescura e o mesmo sabor literário, embalando-nos e legando-nos ensinamentos fortes, dignos de por nós serem seguidos. Mas não o faço, e alguma razão julguei ter encontrado para o não fazer. Se sem dúvida a literatura continental, se é que assim lhe poderemos chamar, merece o nosso cuidadoso estudo e reflexão acertada, a literatura açoreana merece também neste momento e nesta crónica modesta mas desprezenciosa, as nossas observâncias, os nossos cuidados, porque embora o digamos de passagem, tem incontestavelmente bocadinhos atraentes de uma literatura singular, sem arrebiques e grandes complicações, deixando por onde passa, um elevado grau de sentimentalidade! E isto compreende se perfeitamente, porque as nossas ilhas, não são mais nem menos, senão um reflexo ao longe, um reflexo saliente do nome de Portugal, em todas sem excepção, da actividade humana e nos diversos ramos do saber. Há sempre nesta vida de incertezas e tristezas, momentos gratos e confortantes que nos fazem cessar o sofrimento e nos transportam ás maiores alegrias.

Sim, porque em vivi mais e melhor, quando ouvia numa noite fria e uebulosa de outubro, a conversa amena do dr. Gil Brandão. Era açoreano. Não o conhecia há muitos dias, mas isso nada modificou a nossa conversa e talvez por esse facto, o ouvísse com mais cuidado, com mais atenção. Ouvia e apreciava as suas considerações com todo o prazer, porque a sua conversa era agradável, com imagens subtis e encantadoras, revelando momento a momento um profundo e perspicaz conhecimento de causa, dotado de uma quasi invulgar facilidade de expressão, que seduz e cai bem aos mais exigentes das belas letras portuguesas. A tendência que todos provam para falarem no que é seu, foi o que levou o meu particular amigo dr. Gil Brandão a considerar passos literários e a mostrar-me uma poesia da sua autoria — «Explicação de uma coisa que aconteceu», adaptação como muito bem me afirmou, a costumes da sua terra natal que muito ama — S. Miguel. E para completar o sentido desta crónica, visto sem ela ser completamente impossível qualquer referência á poesia popular dos Açores, e a devida vênia a transcrevo em parte visto ser muito extensa:

- I
Passou-se c'um hóme vive
Desta munto nossa terra.
Fou 'ma lembrança qu'ative
Csntar o caso terrive
Desde o mar até á serra:

II
Tava a familia esperando,
A mulhé case a chorá,
Os filhos case chorando,
A mã tava soluçando
Sim sabé o que pausá;

III
Cada vez era más tarde
E o hóme sim chegá,
Inté que já era alparde
E o sê filho Girarde
Sai p'ra lo procurá;

IV
Fou bim pouco o que êle disse
Màs a todos mete medo!
Pous é cá, se nam ouvisse,
Dezia qu'era tolíce
Ou intam qu'era um iurêdo.

São estes os moldes dramaturgo adoptados em S. Miguel, não como é facil de ver por pessoas cultas, mas por camponeses na sua maior parte. A poesia que acima fica transcrita, não é na verdade como se escreveria se fosse para fazer parte de um livro, quer literário quer didáctico, mas o autor assim o entendeu para que nós, os continentais, possesemos ter conhecimento da pronúncia de muitas palavras, aiaz assunto muito interessante e que lastimo não poder-lhe dar o relevo que merece. Reparemos no 1.º verso da 1.ª quintilha, a supressão do m em homem. A seguir e no 2.º verso da mesma quintilha, notemos a queda do i na palavra muito. Na 3.ª quintilha note-se a palavra passá, que é o infinito do verbo passar, mas se pronuncia como se não tivesse o r. Na 4.ª quintilha constate-se a expressão alparde, que entre nós significaria — era já de madrugada. Reparemos também que na quintilha 12.ª no verso 1.º se nota a palavra fou por foi. A junção ou, pronuncia se æ, ditongo francês, que segundo várias e seguras opiniões nos afirmam que provém da influencia exercida pelos colonos francezes, mas tenha-se em vista que esta particularidade, apenas se encontra na ilha de S. Miguel. O mesmo se dá com a vogal u que se pronuncia como em francês. A pronúncia desta vogal, é interessante notar, que se adapta melhor aos açoreanos do que aos continentais, pela mesma razão da pronúncia do grupo ou. Como anteriormente havia dito, estas composições literárias, são transportadas para o teatro popular, e que os camponeses chamam com vulgaridade comédias. Estas mesmas são privilégio dos agriculto.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136

res mais cultos, cabendo aos outros a sua recitação. Este acontecimento, vai de encontro a alguns análogos do continente, como por exemplo o "carro dos Pastores", no S. João de Braga e os "Reis Magos", que em algumas freguesias do pitoresco Minho, se exhibe no dia 6 de Janeiro. Assim como as *cantigas de escárnio* ou de *mal dizer, de amigo e de amor*, têm a sua origem nos temas que lhes servem de título, também as composições populares açoreanas se podem considerar paralelas às da nossa literatura medieval, af pelo século XII, indo beber o seu assunto ora na história de factos bíblicos ou lendários já conhecidos. Aqui no continente e isto serve de melhor explicação, poderíamos apontar a lenda de Onrique contestada pelo grande historiador Alexandreerculano, e que lhe deu origem a uma tremenda discussão, refletida no célebre opúsculo intitulado "Eu e o clero", onde por vezes Alexandreerculano perdeu a sua serenidade, serenidade que lhe era peculiar.

Mas seja como for, o caso é que as composições populares açoreanas relativas à ilha de S. Miguel, atestam indubitavelmente um padrão literário de maior ou menor grandeza, mas que na essência tem um extraordinário valor. Estas composições, que para muitos eram desconhecidas, são bem dignas de serem apreciadas como tantas outras que abundam e completam os nossos cancionários.

DOMINGOS GOMES.

DOMUS MUNICIPALIS

Sessão do dia 15.

A C. A. resolveu: Conceder o subsídio de 2.500\$000 ao «Correio do Minho» para a publicação duma série de artigos tendentes a mostrar o valor do Concelho de Guimarães, nos seus aspectos; retirar a licença concedida a José de Castro, da freguesia de Silveiras, para abrir um poço, por não ter respeitado as condições que lhe foram impostas; tomar a responsabilidade pelo internamento de um indigente no Hospital da Misericórdia; autorizou diversos pagamentos.

Saneamento e urbanização—O digno vereador sr. A. L. de Carvalho apresentou a seguinte proposta, que era precedida de vários e interessantes considerandos:

«Que se encarregue um engenheiro de reconhecida competência de proceder ao estudo de revisão da carta topográfica da cidade, para servir de base a um plano geral de saneamento e urbanização, da mais urgente necessidade, para o presente e para o futuro.

Esta proposta mereceu a aprovação da C. Administrativa.

— Em sua sessão de 22 a C. A. aprovou o projecto do arranjo do chamado Castelo dos Almadas; resolveu entregar a construção da Cabine da estrada de Fafe (rua n.º 2) a Joaquim da Silva, pela quantia de 2.650\$000; adquirir o sôbre-solo da bouça da Casa Nova para exploração de águas, ao sr. dr. Pedro de Barros, resolvendo pedir isenção do pagamento da respectiva cisa; que as sessões da C. A. passem a fazer-se às 14,30 horas de todas as quintas-feiras.

Manifesto de avelã, castanha e noz—A Secção Administrativa, deste concelho, baixaram impressos para o manifesto de avelã, castanha e noz, os quais vão ser enviados aos regedores das freguesias do concelho.

Horário de trabalho e descanso semanal—A Comissão Administrativa da Câmara, em sua última sessão, resolveu

apresentar ao sr. Delegado do Instituto Nacional do Trabalho a seguinte proposta:

«Tendo sido apresentadas diversas reclamações pelas entidades interessadas ao horário de abertura e encerramento do estabelecimentos de venda ao público aprovado pela Comissão Administrativa, em sessão de 18 de Outubro último e publicado por editais de 27 do mesmo mês, a Câmara, bem ponderados os argumentos aduzidos pelos reclamantes e, usando das atribuições que lhe confere o Decreto n.º 24.402, de 24 de Agosto do ano corrente em seus artigos 9.º e 19.º, deliberou aprovar o seguinte regulamento do descanso semanal e horário de trabalho que será enviado ao sr. Delegado do Instituto Nacional do Trabalho, para aprovação:

1.º—O descanso semanal, no concelho de Guimarães, observar-se-á ao domingo, e estarão, portanto, encerrados todos os estabelecimentos de venda ao público que, por disposição legal, não estejam dispensados do encerramento, nesse dia.

2.º—O horário de abertura e encerramento dos estabelecimentos comerciais, em todo o concelho de Guimarães, exceptuando Vizela e Taipas, fica estabelecido da forma seguinte:

- Horário Geral — Das 9 às 19 horas; aos sábados, das 8 às 22.
- Barbearias — Das 9 às 20; aos sábados, das 9 às 24.
- Drogarias — Das 8 às 18; aos sábados, das 8 às 22.
- Mercearias, incluindo tabernas, com mercearia, das 8 às 10; aos sábados, das 8 às 22.
- Farmácias — Das 9 às 20; aos sábados, das 8 às 22.
- Tabernas — Das 7 às 22.
- Cafés, Leitarias, Confeitarias e Pastelarias — Das 7 à 1 da noite.

Restaurantes e Casas de Pasto — Das 8 à 1 da noite.

- Padarias — Das 6 às 19.
- Fotografias — Das 9 às 19; aos sábados, das 8 às 22.
- Descanso semanal, à segunda-feira. Talhos — Das 6 às 13; aos sábados, das 6 às 19.
- Descanso semanal, à segunda-feira. Farmácias — Das 8 às 20.
- Nas Taipas: Horário geral — Das 8 às 19.
- Barbearias — Das 8 às 20; aos sábados, das 6 às 19; aos domingos, das 6 às 12; e, às segundas-feiras, dia de mercado, das 6 às 18.
- Descanso semanal, à terça-feira. Farmácias — Das 9 às 20.
- 3.º—Nos dias de feiras e só nas localidades delas, o horário geral é das 8 às 22.

4.º—Os estabelecimentos mixtos regular-se-ão pelo horário mais restrito que lhes disser respeito.

5.º—Quando as feiras periódicas fixas se realizem, ao domingo, ou incidam nesse dia, o descanso semanal será transferido para o dia seguinte, com encerramento dos estabelecimentos.

6.º—É permitida a abertura dos estabelecimentos de mercearia no domingo imediatamente anterior ao dia de Natal, e daqueles onde se vendam artigos de Carnaval, no domingo de Carnaval.

7.º—Ao domingo não é permitido o comércio ambulante de artigos que façam parte do ramo de comércio de estabelecimentos encerrados, nesse dia. Nos outros dias, não é permitido também senão nas horas em que possam estar abertos os estabelecimentos congêneres. O horário das farmácias só terá aplicação nas localidades em que esteja organizado um serviço permanente.

Assinar o "Notícias de Guimarães", é dever de todos os vimeiranos.

Do Concelho

S. Torcato, 22.

Diversas notícias.

No pretérito domingo, baptizou-se, solenemente, na igreja Matriz desta freguesia, Luis de Amorim Vieira, filho do nosso amigo sr. José Vieira, industrial, e da sr.ª D. Carolina de Amorim.

Foram padrinhos os ex.ºs srs. Luis da Silva e D. Helena da Silva, proprietários em Caminha, que para este acto religioso vieram a S. Torcato.

Já vão adiantados os trabalhos da construção da nova Capela da água de S. Torcato.

Na pretérita terça-feira principiou a funcionar a escola oficial do sexo feminino desta freguesia, sob a direcção da professora, sr.ª D. Ana Maria Pinto Leitão, tendo sido matriculadas bastantes crianças.

O preenchimento deste lugar, este ano lectivo, devemos-lo ao incansável esforço do nosso dedicado amigo, vereador do pelouro da instrução, ex.º sr. A. L. de Carvalho, a quem muito louvamos.

É de urgente necessidade, devido à grande população desta freguesia e de outros limitrofes, a criação em S. Torcato, de um posto médico, a fim de socorrer o povo necessitado.

A quem de direito pedimos a sua intervenção.

Nos últimos dias, tem-se feito sentir, nesta região, um tempo frigidíssimo, que tem produzido ataques de gripe, em muitas pessoas.

Rampal.

Oliveira & Silva, Sucessor

Praça D. Afonso Henriques

NOVIDADES EM

Tecidos de lã para vestidos, Panos para casacos, Veludos, Peles e Lãs em fio.

OS MELHORES PREÇOS

RIBEIRO, FILHO

(ALFAIATE)

Convida os seus Ex.ºs Clientes e Amigos a visitarem a sua casa e a examinarem os artigos de alta novidade do sortido que já recebeu para a próxima estação de inverno, que expõe na sua vitrine, no Largo do Conselheiro João Franco.

ATELIER DE DEBUXOS

DE

DOMINGOS ALVES

Covas - Guimarães

Executa, com a máxima regularidade, colchas e cobertores de damasco e algodão e toalhas em todos os estilos assim como debuxos para maquinas, etc.

"NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS," vende-se em Lisboa: na Agência H. da Costa Lima — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. No Porto, nos quiosques: Suíço — R. Sampaio Bruno, 8; Camanho — R. Sá da Bandeira; Cristal — R. Sá da Bandeira. Em Guimarães: no quiosque do Toural.

Camisas TABÚ

Sempre novidades, NA CASA DAS GRAVATAS.

CASA PARTICULAR

Recebe comensais, cuidando-se da roupa, ou aluga só quartos.

Informa a Sapataria Luso Guimarães.

Alfaiate. Oficial que trabalhe bem em obra solta e de cinta trabalho garantido. Admite Ferreira — Arco da Porta Nova — Braga.

Anuncial no "Notícias de Guimarães".

Boa aplicação de capital

Vende-se um prédio com dois andares, completamente restaurado, no Largo 13 de Fevereiro. Falar com Benjamim de Matos.

TIPOGRAFIA MINERVA VIMARANENSE

Execução esmerada de todos os trabalhos. Impressões em cores e preto. Encadernação. Livraria editora.

Rua 31 de Janeiro, 133 - GUIMARÃIS

AMERICAN-BOSCH

Aparelho de telefonia sem fios de fácil sintonização, linhas modernas e elegantes, sem portas, mas completamente fechado.

São estas algumas das vantagens que oferece o AMERICAN-BOSCH.

O modelo 360-W. de 7 lâmpadas — equivalência de 11 lâmpadas — encerra os maiores aperfeiçoamentos em aparelhos de T. S. F.

O nome, já de si bem conhecido em todo o mundo, do AMERICAN-BOSCH, constitue uma garantia para aquêles que apreciam a verdadeira jóia da moderna engenharia de rádio.

AGENTES EM GUIMARÃIS:

Gomes Alves, Matos & C.ª

PRAÇA D. AFONSO HENRIQUES, 68, a quem podem ser pedidas demonstrações.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS Jornal defensor dos interesses do Concelho. PUBLICA-SE AOS DOMINGOS.

Redacção e Administração: LARGO CONSELHEIRO JOÃO FRANCO, 30

Ex.º Sr. *António de Matos*

EDITORA